

## RABELAIS: ALFREDO GALLIS E OS SUBGÊNEROS PORNOGRÁFICOS NA BELLE ÉPOQUE

Aline Cristina Moreira Duarte (FFP/UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma marca da modernização cultural da Belle Époque brasileira foi a popularização da leitura. Entre os livros populares, aqueles que se voltavam para a temática sexual chamavam bastante atenção do público. Um dos pornógrafos mais conhecidos do período foi Rabelais, pseudônimo do escritor português Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910). Neste trabalho, vamos conhecer a trajetória de Rabelais e estudar seu *best-seller*, *Volúpias: 14 contos galantes* (1886). A leitura desse livro nos revela as principais marcas da tradição pornográfica, como o anticlericalismo e o voyeurismo, e nos fornece um panorama das preferências dos leitores de obras licenciosas.


**Palavras-chave:** Belle Époque; Literatura pornográfica; Alfredo Gallis; *Volúpias*; Abralic

Em finais do século XIX, os livros populares ganharam bastante visibilidade na cena literária carioca, e aqueles que se voltavam para a temática sexual eram os mais procurados. Num espaço urbano que se modernizava cultural e tecnologicamente, o consumo literário, que desde o advento do folhetim já havia se modificado, tornava-se cada vez mais diversificado. Seja na literatura produzida a partir de 1880, ou nos anúncios das livrarias que traziam amostras de obras libertinas do século XVIII, viu-se um crescimento expressivo no interesse do público e dos livreiros pela literatura licenciosa.

Os livros licenciosos ganharam especial atenção dos leitores cariocas com narrativas que evidenciavam o corpo e o desejo sexual (EL FAR, 2004). Às vezes chamados de “leituras para homens”, “romances só para homens”, entre outros nomes sugestivos, esses livros eram destinados exclusivamente para o público masculino, revelando que os novos ares de modernização aceitavam apenas até certo ponto a popularidade dos livros pornográficos e não impediam a censura. Vale ressaltar que essa proibição não era jurídica, uma vez que a censura tinha fundamentos apenas na moralidade cristã burguesa. Não havia leis específicas que proibissem a produção, a venda ou a leitura de obras pornográficas, mas o Código Penal de 1890 previa pena de prisão de 1 a 6 meses para aqueles que cometessem “atos de ultraje ao pudor público” (MENDES, 2016).

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Português/Literatura (UVA), Especialista em Estudos Literários (FFP/UERJ), Mestranda em Estudos Literários (FFP/UERJ). Contato: [aline.c.moreira@outlook.com.br](mailto:aline.c.moreira@outlook.com.br)



Embora houvesse uma tentativa de difamar esses livros e seus autores, a literatura pornográfica se tornou um fenômeno de vendas. Na *Gazeta de Notícias*<sup>2</sup>, era possível encontrar a “Bibliotheca do Solteirão”, coluna em que eram apresentados os livros licenciosos mais procurados na prestigiada livraria Laemmert, da rua do Ouvidor. Outro jornal de grande circulação, o *Cidade do Rio*<sup>3</sup>, anunciava a lista de “leitura para homens” da livraria Cruz Coutinho, destacando títulos que remetiam ao século XVIII e também as obras contemporâneas mais cobiçadas.

As listas de livros oferecidos nesses anúncios nos servem como um panorama dos temas preferidos dos leitores de livros pornográficos na Belle Époque carioca. De acordo com Mendes, “uma autêntica coleção licenciosa abrigava pelo menos quatro tipos de livro” (2016, p. 176). No primeiro tipo, estão os romances libertinos franceses e ingleses do século XVIII que circulavam traduzidos e no original, como o anônimo *Thereza Philosopha* e *Fanny Hill*, do inglês John Cleland (1709-1789), ambos publicados em 1748. A pornografia anticlerical portuguesa e francesa, publicada ao longo dos séculos XVIII e XIX, é o segundo tipo, tendo como principais representantes a *Martinhada* (séc. XVIII), poema épico-obsceno português de Caetano José da Silva Souto-Maior (1694-1739), conhecido como o “Camões do Rocio”, e *Serões do convento* (c.1850), de um tal pseudônimo M.L. O terceiro tipo de livro licencioso engloba romances naturalistas franceses, portugueses, e brasileiros contemporâneos, como *Nana* (1880), de Émile Zola (1840-1902); *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiros (1845-1900); e *O aborto* (1893), do brasileiro Figueiredo Pimentel (1869-1914); os livros desse terceiro tipo são exemplos do consumo pornográfico da literatura naturalista. O quarto e último tipo é composto pela ficção pornográfica contemporânea portuguesa e brasileira, em que se destacavam as obras de Rabelais, que eram “a vanguarda da literatura pornográfica em língua portuguesa” (ibid, p. 177).

O nome nos remete a François Rabelais, escritor renascentista francês famoso por suas obras regadas de uma “carnalidade triunfante”, como nos aponta Bakhtin (1987). Mas, para os leitores do final do século XIX, Rabelais era o pseudônimo mais conhecido do escritor português Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910), que publicou vários volumes de contos picantes que faziam muito sucesso no circuito editorial luso-brasileiro da Belle

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>.

Época. As obras de Rabelais, eram, no Brasil, sinônimo do que havia de mais moderno e arrojado nesse gênero, destacando-se entre as mais procuradas pelo público.

Figura 1 - Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910)



Fonte: Site Vinculados ao Barreiro (<http://www.vinculadosaobarreiro.com>)

Renomado jornalista da cena intelectual portuguesa e famoso romancista de filiação naturalista, Gallis manchou sua carreira ao aderir à moda da literatura pornográfica que, naquele período, era uma excelente fonte de renda para os escritores (VENTURA, 2011). A desaprovação recebida ainda em vida ecoa na modesta fortuna crítica que hoje podemos encontrar sobre o autor. Seu nome está ausente dos principais manuais de literatura, e seus livros são mais facilmente encontrados em sebos e alfarrabistas do que em grandes bibliotecas.

Para Santana (2004), Gallis merece nota não pela qualidade literária de seus textos, que, para ela, não existe, mas pela falta de concorrência em língua portuguesa, uma vez que o monopólio do mercado de livros pornográficos era francês. Contudo, pesquisas recentes, como a de Mendes (2016), revelam que muitos autores de diversas filiações estéticas no circuito literário luso-brasileiro aderiram à moda da literatura pornográfica.

E foram as teses científico-literárias do naturalismo, ao tomarem a carnalidade como um de seus principais objetos de estudo, que forneceram um terreno fértil para o consumo da literatura licenciosa. Alfredo Gallis, cuja formação era naturalista, foi um desses autores que exploraram o sexo como uma patologia social. O ato sexual explícito não era pré-requisito para que uma obra fosse considerada pornográfica, e o público leitor escolhia os trechos mais sugestivos.

Por outro lado, Gallis também escrevia livros que, mesmo para os padrões atuais, podem ser considerados pornográficos, uma vez que traziam o sexo como tema principal. E é este Alfredo Gallis que vemos imortalizado pelos jornais brasileiros. De acordo com a pesquisa realizada até o momento, parece-nos que, em Portugal, apenas a vida pública e jornalística do autor era apreciada, ao passo que, no Brasil, possuía grande fama como pornógrafo.


Figura 2 – “Obras de Rabelais”

**Obras de Rabelais**  
(Alfredo Gallis)  
**A 35000 o volume**

Amorosas — 1 volume de contos elegantes.  
Aphrodisiacas — 1 volume de contos que não desmerecem o título do livro.  
A Devassidão de Pompeia — descrição galante e romântica dos costumes pompeianos feita na sua scintillante nudez.  
Diabruras de Cupido — 1 volume de contos galantes.  
Lascivas — 1 volume de contos livres.  
Libertinas — 1 volume com 10 contos de educação . . .  
Lubricas — 1 volume de contos picantes.  
Luxurias para rir — 1 volume com 12 contos alegres e estimulantes.  
Noites de Venus — 1 volume de contos galantes.  
Regras do amor — conselhos íntimos e prescrições para a carne.  
Selvagens do occidente — 1 volume espirituoso que se lê com encanto.  
Sensuaes — 1 volume com 10 contos eróticos.  
O sensualismo na antiga Grecia.  
Voluptuosidades romanas — narrativa curiosa das orgias, da devassidão e da libertinagem de toda a espécie que tripudiou na antiga Roma dos Cesares.

**A' venda na**  
**Livraria Universal**  
DE  
**CARLOS ECHENIQUE**  
Porto Alegre  
258—Rua dos Andradas—260

Fonte: *A Federação*, Porto Alegre, 20 mai. 1913, p. 2 (<<http://memoria.bn.br/>>).



Segundo El Far (2004), muitas livrarias possuíam uma categoria especial para as “Obras de Rabelais”, e isso é apenas um dos indícios da popularidade do escritor no Brasil. Produzidas em formato de brochuras de baixo custo, essas obras eram sempre vendidas a preços populares e, algumas vezes, em versão ilustrada, cativando ainda mais o interesse dos leitores.

No anúncio das “Obras de Rabelais” à venda na Livraria Universal, de Porto Alegre, ficam evidentes duas coisas: primeiro, a fama do Rabelais português não se restringia à Capital; segundo, nota-se a importância da vasta produção de Gallis, uma vez que abrange todos os temas caros à tradição pornográfica dos séculos XVIII e XIX, conforme as categorias citadas anteriormente.

Dentre as obras de Rabelais, *Volúpias: 14 contos galantes* é um de seus *best-sellers* no Brasil. Provável obra de estreia do autor, teve, no mínimo, três edições, sendo as duas primeiras de 1886 e 1893, respectivamente, publicadas em São Paulo pela Livraria Teixeira. A terceira edição, de 1906, foi publicada no Porto, pela Tipografia Empresa Literária. A primeira edição do livro não trazia o nome do autor ou do editor, marca de uma clandestinidade bastante comum na tradição pornográfica. A partir da segunda edição, os nomes passam a ser assumidos na folha de rosto (MENDES, 2016). Através dos anúncios dos jornais, sabemos que era de conhecimento comum que Rabelais era um dos pseudônimos de Alfredo Gallis. Nossa hipótese é que o uso dos pseudônimos era uma forma de o autor assumir facetas distintas dependendo do teor de suas narrativas. O fato de as obras naturalistas, consideradas relativamente mais sérias, terem sido publicadas sem o uso de um codinome apoia essa teoria.

Como em todas as obras de gallisianas estudadas até agora, *Volúpias* apresenta um próêmio em que Rabelais apresenta a tese que norteia o livro. De acordo com Santana, os prefácios de Gallis, por si só, merecem “um estudo sociológico, pelo diálogo que estabelecem com a cultura moral dominante” (2004, p. 241). Para este trabalho, utilizamos a terceira edição de *Volúpias*, de 1906 que também apresenta os próêmios das duas primeiras edições. No prefácio de edição de 1886, Rabelais dá ao leitor as seguintes sugestões:

Pôr de parte a critica e a austeridade como coisas feias que para aqui não servem.

Accender um charuto de puro tabaco havano e beber um calix de *curação*;

Estar só em casa ou em companhia amena onde a camisa de rendas e as ligas de seda azues celestes o acompanhem a leitura;

Conservar o chambre largo para o que der e vier;

Acceitar um sincero aperto de mão d'este desiludido sujeito que se confessa seu dedicado amigo e obrigado. (RABELAIS, 1906, p. 9).

O prefácio da edição de 1893 apresenta certo tom saudosista, pois “As *Volúpias* são para mim a grata recordação d’uma mocidade de rapaz, agitada, entre rendas e perfumes, caricias e doces protestos de amor” (RABELAIS, 1906, p. 12). O tom nostálgico permanece no prefácio da terceira edição, no qual o autor diz serem os contos um “documento vivo d’esta mocidade e o primeiro vagido da minha vida litteraria” (RABELAIS, 1906, p. 15). Mendes ressalta a importância desses proêmios, pois, “ao contrário dos outros autores licenciosos estudados até aqui, Rabelais assumia que os contos eram literatura pornográfica” e funcionavam como um convite aos prazeres físicos indicados pelo conteúdo sexual das narrativas e pelo uso do tabaco e do álcool conforme a recomendação do prefácio da primeira edição (2016, p. 187).


Os 14 contos que compõem o livro podem ser divididos em subgêneros que exemplificam os principais temas da literatura pornográfica consumida naqueles anos.

A temática anticlerical é bastante presente, e o conto de abertura trata sobre isso. Em “O divino esposo”, vemos os desejos voluptuosos e místicos de Teresa de Jesus no mosteiro de Ávila, em que o orgasmo se equipara ao gozo celestial. Seguindo a mesma linha, o conto “Luiza” retrata a relação homoafetiva entre a madre de um convento e uma jovem noviça que morre de algum mal desconhecido causado por seus orgasmos intensos.

O conto “Ligurino” traz a fantasia da sexualidade desregrada dos antigos, na figura do poeta Horácio que, já velho, apaixona-se por um jovem de características andróginas. Essa temática foi explorada por Rabelais em outras obras, como *Sensualismo na Antiga Grecia* (1894), *A devassidão de Pompeia* (1909) e *Voluptuosidades romanas*.

Já “Noite de núpcias” possui um caráter bem peculiar. Ao retratar a primeira noite de dois jovens, o conto funciona como um manual de “filosofia prática”, que ensina o que se deve fazer antes, durante e depois do ato sexual. Esse tema também foi abordado em outros livros que foram assinados pela Condessa de Til, outro pseudônimo conhecido de Alfredo Gallis. Entre os títulos dessa temática estavam *O que os noivos não devem*





*ignorar e O que as noivas devem saber!* Eram uma espécie de manual de autoajuda destinado principalmente às mulheres (SANTANA, 2004).


Outra característica notável é a construção de personagens femininas que, através do sexo, executam uma espécie de abolição das hierarquias sociais. Os títulos dos contos, quase sempre o nome de uma mulher, funcionavam como uma espécie de chamariz. É o caso de “Modesta” e “Eva”. São mulheres donas de sua própria sexualidade, normalmente viúvas. “Susana”, embora casada, justifica seu adultério nas qualidades patéticas de seu marido velho e gordo.

É possível perceber que Alfredo Gallis era, sem dúvida, um conhecedor da tradição pornográfica que o precedeu, principalmente no que diz respeito à literatura libertina. “Em flagrante” mostra um jovem que, depois de espiar as carícias entre duas moças, invade o quarto dando início a um *ménage à trois*, repetindo “uma configuração libertina clássica” (MENDES, 2016, p. 187). No conto “Entre giestas”, um abade vê sua virtude abalada ao presenciar o encontro amoroso de dois jovens escondidos na mata. Outro tema libertino é o da iniciação sexual de um jovem por uma mulher madura de “A primeira noite feliz”. Seja no subtítulo “galante” ou na linguagem sempre permeada de metáforas, “as marcas libertinas estavam em todas as partes” (MENDES, 2016, p. 187).

Em “O rouxinol de Laura”, Rabelais visita a concepção clássica de pornografia ao apresentar a história de uma prostituta. Já “Entre roseiras”, “Os pombos” e “A primeira mariposa” retratam a perda da virgindade de jovens moças, sempre em cenários furtivos, às escondidas, sendo a mais jovem delas Lolita, de 10 anos.

Esses são os 14 contos que compõem as *Volúpias* e são exemplos do que o leitor daquela época encontrava ao abrir um livro do “imortal Rabelais”, como era chamado nos jornais (EL FAR, 2004). Embora cada conto seguisse um tema específico, é possível perceber que essas marcas não eram estanques. As marcas libertinas e o teor anticlerical permeiam todas as narrativas.

Embora as cenas sejam claras, não há linguagem chula. O uso frequente de metáforas torna a pornografia mais suave, uma vez que permeada pelo riso, porém nunca menos eficiente. E, embora não esteja completamente ausente certo juízo de valor por parte do autor, percebe-se que ele não se limitava a simples insinuações, descrevendo de maneira precisa posições sexuais praticadas entre homens e mulheres.



Esses livros atendiam às mais diversas preferências e são, sem a menor dúvida, um excelente caminho para explorar a história da leitura no Brasil. Ler os livros de Rabelais é de grande importância para os pesquisadores do século XXI, uma vez que nos ajuda a visualizar quais temas eram os preferidos dos leitores de obras licenciosas do passado.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 53, janeiro de 2017. p. 173-191. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67571/pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

RABELAIS (pseud. Alfredo Gallis). *Volúpias: 14 contos galantes*. Porto: Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, 1906.

SANTANA, Maria Helena. Pornografia no fim do século: os romances de Alfredo Gallis. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, n. 12, 2004, p. 235-248.

VENTURA, Antônio. Rabelais, isto é, Alfredo Gallis, o pornógrafo. In: GALLIS, Alfredo. *Aventuras galantes*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011, p. 167-174.